



Franklin Roosevelt de Oliveira

Um tempo de muitas dificuldades e desenvolvimento

Arquivo Público

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A luta desse pioneiro na nova capital começou cedo. Aos 10 anos de idade, Franklin Roosevelt de Oliveira conheceu de perto o desafio que foi erguer do nada uma capital. Convidado pelo amigo e vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, para abrir um armazém de secos e molhados, o pai de Franklin — Geraldo Martins de Oliveira — decidiu dar um pulo até a Cidade Livre para verificar a possibilidade de instalar o comércio na região. Em janeiro de 1958, o pequeno Roosevelt desembarcava no descampado ao lado do pai e dos outros quatro irmãos. “Como aqui não tinha nada, meu pai achou melhor trazer primeiro os homens. Minha mãe e as irmãs ficaram lá em Anápolis”, lembra o pioneiro.

Logo na chegada, o menino sentiu na pele as dificuldades que o esperavam por essas terras inóspitas. Foi em cima de sacos de arroz e feijão estocados no armazém de madeira, localizado na 3ª Avenida, que ele e os irmãos dormiram na primeira noite. O vento frio do lado fora os ameaçava levar de volta ao conforto da cidade natal. “Naquele dia me deu vontade de voltar”, lembra o pioneiro. “Onde morava (Anápolis) era pequeno, mas tinha de tudo e bem próximo. Aqui não conhecíamos ninguém, além disso, era tudo muito distante”.

Para o banho, a água era esquentada no fogão. “Não eram todos que tinham energia elétrica em casa, e quem tinha usava só até as dez da noite”.

O conforto chegou aos poucos, com a construção de uma casa de madeira na mesma avenida onde funcionava o armazém, próxima ao mercadão Diamantina. Construída toda em madeira, a nova residência dos Oliveira era bastante confortável. Tinha três quartos, cozinha e banheiro. Com tudo pronto, era hora de trazer a mãe e as irmãs.

Medo e susto

As construções em madeira eram uma novidade para o novo morador, mas era também uma ameaça constante. O medo de incêndios era real para Franklin, que viu por várias vezes as chamas apagarem o sonho de muitas famílias. Um desses incêndios quase destruiu os fundos do armazém São Geraldo. “Tivemos que carregar toda a mercadoria e esvaziar o armazém com medo do incêndio, pois lá tinha muitos produtos inflamáveis, como querosene, álcool.”

Bem instalados, só faltava a escola. Foi no Ginásio Brasília (atual La Salle), na Av. Central, que Franklin se matriculou. Com o passar do tempo teve de mudar para o Colégio Noturno do Núcleo Bandeirante, o CNB. Lá, o jovem estudante passou por uma das mais terríveis experiências desde a sua chegada a Brasília. Localizado na 4ª avenida, “na beira do brejo”, próximo ao Ribeirão Riacho Fundo, o colégio — construído em madeira — quase foi levado por uma grande enchente. A inundação chegou

CONSTRUÇÃO DA ESCOLA CNB NA CIDADE LIVRE, ONDE O PIONEIRO ESTUDOU

às salas de aula. O diretor pediu para que os alunos empilhassem as mesas e cadeiras. “Vi até cobra passando do nosso lado. Trabalhamos até as duas da madrugada para salvar a escola”, lembra.

As dificuldades no colégio eram tantas que muitos alunos se encarregavam de trazer lampiões de casa para facilitar a leitura.



PIONEIROS

Com 10 anos, o menino de Anápolis chegou acompanhando o pai, que vinha abrir um armazém na cidade em construção. Aqui estudou, formou-se em Direito e criou a família

FRANKLIN CHEGOU CRIANÇA À CIDADE E NUNCA MAIS A ABANDONOU. NA FOTO, COM A MULHER E OS FILHOS EM COMEMORAÇÃO FAMILIAR



“**COMO AQUI NÃO TINHA NADA, MEU PAI ACHOU MELHOR TRAZER PRIMEIRO OS HOMENS. MINHA MÃE E AS IRMÃS FICARAM LÁ EM ANÁPOLIS**”

Raio X

Nome: Franklin Roosevelt de Oliveira
Idade: 57 anos
Origem: Anápolis, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1958 (ele veio com o pai)
Profissão: Advogado
Esposa: Maria do Rosário
Filhos: Juliana, Frederico e Ariel
Alguns títulos: Medalha do Mérito Alvorada, Medalha do Mérito Candango, Ordem do Mérito Dom Bosco e Ordem do Mérito de Brasília

O alívio só chegou depois que a prefeitura construiu um novo prédio, o primeiro de alvenaria da região, próximo à igreja Dom Bosco, para onde os alunos foram transferidos.

Outro susto pegou Franklin de surpresa quando entregava as mercadorias para o pai, que fornecia alimentos para as cantinas das construtoras. A caminho da Pedemeiras (construtora), ele e o cunhado passavam pela Avenida das Nações quando no meio de um temporal um raio atingiu o Fenemê — caminhão da Fábrica Nacional de Motores (FNM). “O raio apagou o motor e passamos mais de duas horas no local esperando por socorro”, conta o comerciante. “Até que enfim passou uma pessoa que nos ajudou. Mas o estrago foi tanto que não deu para levar a mercadoria. Tivemos de voltar para o Núcleo Bandeirante.”

A visita de JK

Aos 57 anos, o pioneiro ainda guarda boas recordações da infância na Cidade Livre, como a visita ilustre do presidente Juscelino Kubitschek ao armazém. “Juscelino sempre visitava as obras, andava pela cidade, e um dia apareceu lá no mercado com seu jipe e o motorista”, lembra o candango. “Meu pai tinha um daqueles bules grandes de café. Ele entrou, conversou um pouco e bebeu uma xícara, cercado de trabalhadores, numa simplicidade...”, acrescenta. Cinco minutos depois chegavam os seguranças. “O senhor não pode ficar saindo assim, presidente”, diziam os guardas. “Ele respondeu na maior tranquilidade: Não tem perigo, estou entre amigos”. A alegria e a satisfação daquele momento contagiaram a todos.

Testemunha ocular da construção da nova capital, Franklin também assistiu ao desaparecimento da Vila Amauri, onde está o lago, e ao surgimento das cidades-satélites do Gama e Sobradinho. A vila por onde o pioneiro costumava andar a cavalo foi totalmente coberta por água para dar forma ao lago.

Era impossível esquecer como o vilarejo desapareceu. Seu pai tinha uma filial na Vila Amauri e todos os dias eles davam uma passadinha no local. Aos poucos o lago foi enchendo e os moradores e comerciantes tiveram de se mudar. As autoridades davam duas opções. Ou para a região onde hoje está o Gama ou para Sobradinho.

A história de formação do lago também guarda fatos cômicos, como o do gerente do armazém — o Severino. “Ele morria de medo de cobra e com o desmatamento e o enchimento do lago Paranoá, elas saíam de-

baixo das tábuas para buscar refúgio no comércio e nas residências. No dia da mudança do armazém lá da vila, o Severino apareceu no Núcleo Bandeirante dizendo que iria embora de vez para o Piauí. Ele tinha encontrado cinco cobras debaixo das caixas e não queria nem saber disso aqui mais.” Além de cobras, os ratos também viviam assustando os comerciantes, que costumavam andar com espingardas para atirar no primeiro que aparecesse.

Medo e dificuldades à parte, a única diversão de Franklin na cidade era nadar e pescar no ribeirão, o mesmo que invadiu a escola, e no Vicente Pires, onde ele aprendeu a dar as primeiras braçadas. Fora isso, a diversão vinha de vez em quando fantasiada de circo e que fazia a alegria dos moradores.

A missa do “grande dia” — o da inauguração de Brasília — ele nunca esquece. “Meu pai

colocou todos nós dentro de um caminhão e seguimos rumo ao cruzreiro para assistir à missa”. Era gente de tudo quanto é lado. Uns de calças xadrez, botinas e chapéus. Outro detalhe chamou a atenção do adolescente: “tinha muitos homens e poucas mulheres”.

Mesmo sem tanto conforto, Franklin pegou gosto pela cidade. “Naquela época, a gente podia dormir com o armazém aberto, não havia furto”, lembra o comerciante, que chegou a ir ao Banco da Lavoura — atual Banco Real — com um saco daqueles de arroz cheio de dinheiro para depositar. O gerente do banco sempre retrucava. “O seu pai não tem jeito... já falei com ele para contar o dinheiro antes de me mandar”.

O amor do advogado pela cidade hoje está em toda parte, estampado nos adesivos com a frase *Eu amo Brasília*, que foi tema de sua campanha política tempos atrás.